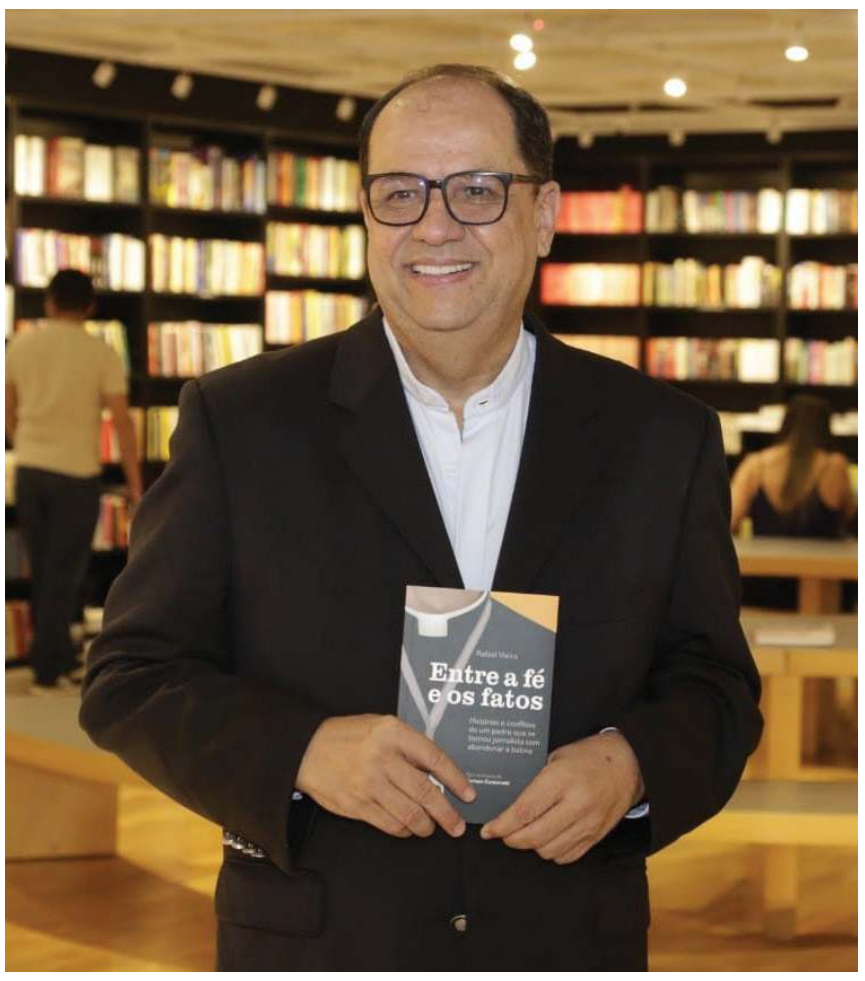


360 Graus por Jane Godoy

Por Jane Godoy • janegodoy.df@dabr.com.br

OUÇA O CLANGOR DA TROMBETA

Arquivo Pessoal



Certa vez, me encontrei com um padre redentorista, Denis McBride, numa região rural próxima à cidade de Liverpool, na Inglaterra. Ele tinha os cabelos brancos, apesar de não aparentar ter mais que cinquenta anos de idade. Treinava croquet na grama, sozinho e concentrado. Ele me cumprimentou com um sorriso e voltou logo ao treino.

Mais tarde, eu soube que ele é um grande biblista e autor de um livro, já traduzido para o português: *Impressões sobre Jesus*. Ele parte do princípio que, antes de nos debruçarmos sobre as principais fontes e a origem do Menino de Belém, os Evangelhos, nós nos aproximamos dele através das pessoas que o amam e que nos amam.

É este o ponto de partida que podemos tomar para a celebração do Natal neste ano de 2022 e para os preparativos para a chegada de 2023: ouvir o que dizem as pessoas que amam Jesus e nos amam.

Ouçamos nossos pais e irmãos. Eles querem bem a Jesus e nos querem reunidos em família, compartilhando sonhos e projetos para o ano que vem. Ouçamos os amigos, que nos querem trocando cumprimentos cheios de ternura e de desejos positivos. Ouçamos as comunidades de fé, de qualquer denominação: elas reverenciam Jesus e nos querem mais unidos, engajados e desfrutando de fraternidade.

Pe. McBride cria personagens convincentes, que poderiam muito bem ter feito parte da vida daquela família de Nazaré, que caminhou até à Judeia para o recenseamento do imperador César Augusto. Um deles, um vizinho de Jesus, diz que ele, numa visita que fez à sua cidade natal, "não tentou agradar os adversários, não fez nenhuma introdução agradável, não usou a retórica costumeira das pregações. Apenas o clangor da trombeta. Só isto!".

O clangor é um som forte, alto, um som que se impõe por si só. Creio que estes dias, depois de ouvirmos quem ama Jesus e nos ama, precisaremos nos reeducar para ouvir esse clangor. Não para nos assustarmos, mas para nos centrarmos e deixar esse som ecoar em nossas vidas. O som que vem da pessoa de Jesus, no Natal, é aquele que desenha no ar e penetra em nossos ouvidos como bênção e inspiração.

Não cedamos à tentação de racionalizar, dramatizar, ideologizar ou manipular esse som. Deixemos que ele chegue como ele é. Abramos o que o Papa Francisco chama de "ouvidos do coração" para acolher esse som: "Ouvidos, temo-los todos; mas muitas vezes mesmo quem possui um ouvido perfeito, não consegue escutar o outro. Pois existe uma surdez interior, pior do que a física. De fato, a escuta não tem a ver apenas com o sentido do ouvido, mas com a pessoa toda. A verdadeira sede da escuta é o coração".

Quando se ouve esse som com o coração é preciso perceber que ele vem marcado pela própria pessoa de Jesus e ele nos diz nestes dias das festas do Natal e do ano-novo: não precisamos de mais divisão, precisamos de união.

Não precisamos mais de poluição, precisamos de respeito à natureza.

Não precisamos mais de mentiras, precisamos de verdades. Não precisamos de mais ódio. Precisamos de amor, muito amor.

Vamos deixar para trás tudo o que nos corrompe, ouvir quem nos ama e ama a Jesus. Vamos deixar para trás tudo o que nos paralisa e ouvir o som da trombeta da pessoa e da palavra do Salvador e caminhar para um futuro diferente, novo, melhor.

Feliz Natal. Abençoado 2023!

Pe. Rafael Vieira — Missionário Redentorista e jornalista, autor de 18 livros sobre a espiritualidade.

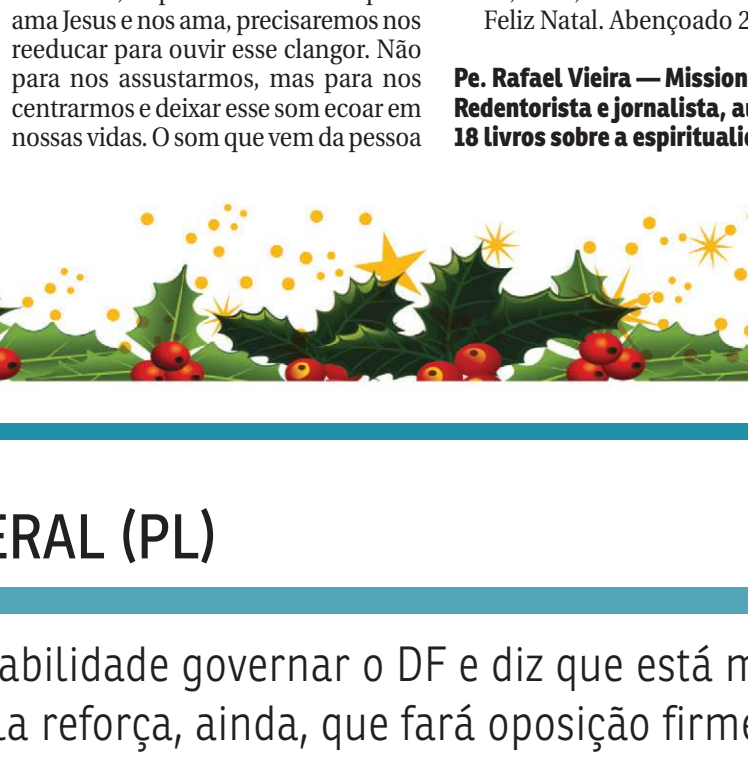
» Entrevista | **BIA KICIS** | DEPUTADA FEDERAL (PL)

De olho no Senado em 2026

Ao *CB.Poder*, a parlamentar afirma ser uma grande responsabilidade governar o DF e diz que está mais inclinada a concorrer a uma vaga de senadora nas próximas eleições. Ela reforça, ainda, que fará oposição firme ao governo Lula

» PABLO GIOVANNI*

Ana Dubeux/CB/DA Press



Sempre apontada como um dos possíveis nomes para se candidatar ao governo do Distrito Federal, a deputada federal Bia Kicis (PL) afirmou que quer consolidar o nome dela para almejar novos voos. Mas, de acordo com a parlamentar, o coração inclina para o Congresso Nacional, em uma vaga para o Senado Federal. "Às vezes você faz um plano, mas é conduzido por outros caminhos. Certamente é uma responsabilidade muito grande governar o Distrito Federal. E uma honra (ter o nome ventilado na disputa). Mas, confesso que me inclino muito para o Parlamento. Meu coração se inclina mais para o Senado", disse Bia, ontem, à jornalista Adriana Bernardes, que conduziu a bancada do CB.Poder *— parceria do* **Correio** *com a TV Brasília.*

Como a senhora e seus pares estão vendo a aprovação da PEC da Transição?

Eu votei contra essa PEC, porque eu acho ela muito perigosa. Outros deputados chamam de PEC da Transição, mas a gente chama ela de PEC do Rombo, PEC do Estouro. Infelizmente ela foi aprovada. É preciso deixar bem claro que quem votou contra não é porque é contra o Bolsa Família de R$ 600, assim como o Auxílio Brasil, que havia sido prometido pelo presidente Bolsonaro. Estive com o ministro (da economia) Paulo Guedes para entender tecnicamente a PEC. Ele me explicou bem a diferença das duas propostas. A grande diferença é que a proposta do presidente Bolsonaro, de R$ 600 para o Auxílio Brasil, vinha com responsabilidade fiscal. Então, você faz a parte assistencial com a responsabilidade fiscal. E essa PEC (aprovada no Congresso) não tem nenhuma responsabilidade.

Como será a postura da bancada na próxima legislatura? Foram eleitos mais deputados que iam com a linha do governo Bolsonaro.

A gente precisa se organizar para fazer uma oposição firme. Muitas pessoas serão parlamentares de primeiro mandato, e demora um tempinho para elas entenderem como funciona o parlamento. A gente precisa ter um partido forte pra isso. Vejo a importância de mantermos o partido (PL) coeso e unido, para podermos fazer uma oposição firme. Nem todos os deputados de oposição estão no PL. Existem vários outros partidos da base, e a gente já está conversando com muitos deles. Eu acredito que a gente vá ter uma oposição firme se a gente se mantivermos unidos.

Acredita que a bancada seguirá em um número de parlamentares com a oposição do governo do PT? Porque sabemos que o Centrão sempre negocia, independentemente da bandeira do chefe do Palácio do Planalto.

Sempre há aquelas pessoas que acabam indo de acordo com a maré: "Onde é que eu vou me dar bem? Onde é que eu posso me sair melhor?". É inevitável isso. É até da natureza humana. Mas têm aqueles que vão permanecer mais firmes, de acordo com os princípios que fizeram com que a pessoa fosse eleita, respeitando os seus eleitores. Agora, tem também a questão que, se a gente consegue manter um Orçamento mais impositivo, por parte do Congresso, você limita esse poder de negociação do Executivo.

Quais pautas a senhora considera prioritárias para 2023?

Falando de pautas propositivas, precisamos fazer uma reforma tributária. Isso é falado toda vez que tem um novo Congresso e um novo governo. Sempre falam, mas nunca fazem. Na quinta-feira mesmo aprovamos, na comissão especial, a PEC 7/2020, de autoria do deputado Luiz Felipe Orleans e Bragança (PL-SP), em que eu fui relatora — e aprovamos sem nenhum óbice. A gente conversou muito, antes, com todos os partidos. Ouvimos quais eram as preocupações com relação à proposta inicial. O meu substitutivo (da PEC) trouxe mudanças para poder atender a preocupação, por exemplo, da bancada do Nordeste. Então, a gente manteve ali a previsão do fundo de participação dos municípios e fundo de participação dos estados, que não tinha na proposta original, e da mesma forma a proteção as zonas francas.

Pela proposta que foi aprovada na comissão e que deve sair no ano que vem: o que muda na prática para o cidadão?

Muda muito, porque a gente vive um verdadeiro manicômio tributário. Ninguém entende o que paga e ninguém sabe quanto é a carga que paga de impostos. E, além disso, o empresário é obrigado a gastar muitas horas que poderia se dedicar a sua empresa até mesmo para cumprir as obrigações acessórias. Então, essa proposta de reforma é uma reestruturação muito grande e simplifica o sistema, trazendo muita transparência. Então, a gente, com essa proposta, vai priorizar também estados e municípios e deixar o tributo menos centralizado na União. Vai dar mais independência para os entes federativos. Isso é muito bom. Está escrito na Constituição que nós somos uma federação, uma República federativa. Mas, isso está mais escrito na Constituição do que sendo vivenciado na prática.

Acredita que existe o risco de ter atos antidemocráticos como ocorreu há duas semanas? Como a depredação de patrimônio...

Sou totalmente contra a depredação de patrimônio público ou privado. Assisti por muito tempo grupos como o MST invadirem a Esplanada dos Ministérios, depredaram prédios de ministérios, e até o próprio Congresso já foi alvo, e sempre movimentos ligados à esquerda. Não acredito que o movimento que aconteceu, esse sim antidemocrático, tenha sido por parte das pessoas que estão acampadas sempre de forma pacífica. São avós, avôs, mães de família, e famílias que fazem orações. Não acredito que tenha partido daí. Para mim, foram infiltrados.

Quais são seus planos para o futuro? Seu nome é veiculado sempre na disputa para o governo do DF?

O que eu espero é terminar o meu mandato com uma aceitação, para que me permita concorrer para aquilo que eu queira almejar. Ou aquilo que o próprio povo do DF queira. Às vezes, você faz um plano, mas é conduzido por outros caminhos. Certamente é uma responsabilidade muito grande governar o Distrito Federal. Fui procuradora (de Justiça) e moro aqui desde criança, e conheço muito a capital. É certamente uma responsabilidade e uma honra muito grande (ter o nome ventilado na disputa). Mas, confesso que me inclino muito para o parlamento. Meu coração se inclina mais para o Senado.

***Estagiário sob a supervisão de Patrick Selvatti**